

EDITORIAL

Chegamos ao oitavo número da Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, um periódico científico criado há cerca de cinco (5) anos quase que conjuntamente ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Mato Grosso. A Aceno que nasceu com a pretensão de se tornar um espaço permanente para o debate, a construção do conhecimento e a interlocução entre pesquisadores da área de humanidades vem se consolidando no “amplo espaço” das revistas acadêmicas de antropologia e áreas afins no Brasil e recebendo avaliações positivas por diversos comitês de área da CAPES, por meio da Plataforma Sucupira alcançando para o período 2013-2016 conceitos altos para uma revista recém criada o que nos orgulha e nos dá a certeza de seguir desenvolvendo este trabalho.

Nestes 5 anos em que estive na função de editor executivo da Aceno – desde o processo de criação do projeto em 2013 e sua execução na sequência; a elaboração dos dossiês; o contato com os autores e avaliadores; a divulgação dos números; até o exaustivo trabalho de elaboração do layout dos artigos, resenhas e demais contribuições – pude aperfeiçoar muito a minha visão sobre o efetivo desafio que representa organizar, editar, alcançar e manter um periódico com o nível qualitativo esperado de uma revista científica.

Tenho muito a agradecer e a muitas pessoas. Aprendi muito nestes anos. E conseguimos com muito trabalho e persistência fazer da Aceno um veículo respeitado na Antropologia e áreas afins, apesar de um periódico recente, ainda em aperfeiçoamento e que esperamos ter vida longa, consolidação na área e reconhecimento de pesquisadores prestigiados do país e do exterior. Como disse antes a revista subiu vários degraus, se posicionando, hoje, como B3 no Qualis CAPES, apesar de diversos obstáculos que teve de superar como a existência de uma equipe bastante enxuta e sem servidores ou recursos destinados a colocação na prática deste projeto. Esta posição é fruto do trabalho de uma equipe interna muito reduzida de professores, na qual me incluo, e que levaram a cabo a execução do projeto deste periódico científico.

Antes de mais nada, quero agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e ao Departamento de Antropologia da UFMT, que acreditaram no projeto da revista e na sua possibilidade de êxito. Agradeço, também, ao Conselho Editorial que sempre apoiou este editor. São necessários também agradecimentos ao Comitê de Avaliadores, aos pareceristas Ad Hoc que

dedicaram diversos momentos de suas atividades a tarefa de avaliar os artigos submetidos. Agradecemos também aos organizadores dos dossiês que acreditaram no trabalho dos editores da revista. E, por último, mas mais importante ainda agradecemos os autores que submeteram suas contribuições e depositaram sua confiança na Aceno, em sua qualidade e credibilidade junto à comunidade. Suas contribuições são a razão de existência da revista.

No que tange a equipe interna tenho de ressaltar o trabalho do Prof. Marcos Aurélio da Silva e da Profa. Sonia Regina Lourenço que desde antes do lançamento do primeiro número da Aceno colaboraram com o desenvolvimento da elaboração do layout da revista, das capas, da marca da revista. Destaco ainda mais o trabalho do Prof. Marcos Aurélio da Silva que após a criação do periódico tem colaborado sobremaneira nas atividades de editoria do layout, editoria de seção e editoria de texto, assumindo agora, com minha saída, a Editoria Chefe e a Editoria Executiva da Aceno. Agradeço também o trabalho dos outros colegas do Comitê Executivo por sempre estarem a postos para resolver os problemas que surgiam.

Descrevendo, rapidamente agora, algumas conquistas da Aceno, para além do conceito B3 em sua primeira avaliação da área e já citado anteriormente, destaco a indexação da revista no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); no LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal); no LatinREV (Red Latinoamericana de Revistas Académicas en Ciencias Sociales y Humanidades); no Portal de Periódicos da CAPES; no Diadorim (Diretório de Políticas Editoriais das Revistas Científicas Brasileiras); e, no GoogleScholar.

Na tarefa de editor gostaria de ressaltar a criação da seção de Ensaio Fotográficos que publicou até o momento três ensaios fotográficos, um por ano, desde sua criação. E a ampla diversidade de Dossiês Temáticos que abarcaram temas tais como:

V.1, N.2 (2014) – “Dança e Culturas Populares”;

V.2, N.3 (2015) – “Políticas e Poéticas do Audiovisual na Contemporaneidade: Por uma antropologia do Cinema”;

V.3, N.5 (2016) – “Diversidade Sexual e de Gênero em Áreas Rurais, Contextos Interioranos e/ou Situações Etnicamente Diferenciadas. Novos Descentramentos em outras axialidades”;

V.3, N.6 (2016) – “Cosmologias, territorialidades e políticas de quilombolas e de povos tradicionais”;

V.4, N.7 (2017) – “Cultura Popular, Patrimônio e Performance”;

Neste número, V.4, N.8 (2017), o dossiê, “Conflitos territoriais e socioambientais nas Amazônias”.

E, nos números vindouros, estão programados os dossiês:

V.5, N.9 – “Parentalidades, conjugalidades e gênero”;

V.5, N.10 – “Políticas Ameríndias”.

Cada um destes dossiês organizados por uma diversidade de coordenadores(as) das mais diferentes afiliações institucionais e recebendo contribuições de autores(as) do Brasil e de outros países também com distintas inserções institucionais.

Finalizando este balanço gostaria de ressaltar duas questões a ampliação do número de usuários cadastrados no sistema que passou de nenhum quando da criação da Aceno em 2013 a mais de 350 em 2017 e, em processo de crescimento constante. Bem como, gostaria de ressaltar a diminuição do prazo de avaliação dos artigos que passou de mais de 70 dias no ano da criação da revista para cerca de 25 dias entre a submissão e a emissão de pareceres.

Momento difícil este, o da despedida. Mas, também momento de novos planos e busca por novas conquistas pessoais com o reconhecimento de que o novo Editor Chefe e Executivo Prof. Marcos Aurélio da Silva tem o apoio consensual dos docentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, bem como de toda a comunidade deste programa de pós-graduação para a continuidade e a melhoria de nossa Aceno.

Enfim, entrego neste meu último número editorado o dossiê **“Conflitos territoriais e socioambientais nas Amazôniaas”**, organizado pelos(as) Professores(as) Eliane Cantarino O’Dwyer (UFF), Paulo Sérgio Delgado (UFMT), Jane Felipe Beltrão (UFPA) que tem como objetivo discutir os conflitos territoriais e socioambientais nas Amazôniaas, nas palavras dos organizadores do dossiê, já na chamada de artigos:

Convidamos autores/as a contribuir com artigos inéditos, fruto de pesquisas que abordem conflitos territoriais e socioambientais nas Amazôniaas. Os projetos desenvolvimentistas implantados, sobretudo a partir das décadas de 1960, atingiram em cheio modos de ser e viver de povos e populações tradicionais (indígenas, remanescentes de comunidades quilombolas, ribeirinhos, retireiros, extrativistas, entre tantos outros grupos vulnerabilizados).

Tais projetos abriam caminhos para processos de reocupação dos inapropriadamente chamados e/ou considerados “vazios demográficos” através da abertura de estradas e outros empreendimentos privados financiados em larga medida pelo Estado. A política de reocupação das Amazôniaas gerou e gera efeitos sociais e ambientais, decorrentes da compra ou grilagem de terras públicas e/ou de povos e populações tradicionais, o que resultou e resulta em conflitos, sobretudo na luta pela terra. Ademais, o processo de colonização e os incentivos governamentais alavancam o avanço da agricultura moderna mecanizada nos cerrados dos estados pertencentes à Amazônia Legal, onde se desenvolveu o agronegócio produtor de monoculturas voltadas principalmente ao mercado externo como commodities.

Para além do Dossiê, na sessão de artigos livres temos as contribuições de Dalva Maria Soares com o texto “Muita religião, seu moço!': Entre santos, espíritos, pretos velhos, pombas-gira e nkisis”; na sequência a contribuição de Nathália Caroline Dias intitulada “Cachaças de Paraty. A patrimonialização de uma tradição”; e, finalmente, Marta Martines Ferreira com o artigo “Cururu e Siriri: entre naturalistas, viajantes e folcloristas”.

O Comitê Editorial da Aceno agradece a todos os membros do Conselho Científico e do Conselho Editorial, agradecemos imensamente aos professores(as) Eliane Cantarino O’Dwyer, Paulo Sérgio Delgado, Jane Felipe Beltrão que organizaram o dossiê temático ora publicado, as diversas

contribuições submetidas, bem como aos pareceristas *ad-hoc* que tornaram possível a produção e, agora, a divulgação deste número da revista.

A todos e todas meus agradecimentos neste percurso!

Uma boa leitura a todos e todas...

O Editor